

OS AMIGOS DE DEUS

5-6-66

Rubem Braga

DA primeira vez que apareceu na fazenda, o padre aceitou o convite para almoço, e estranhou, delicadamente, que nem o fazendeiro nem a mulher tivessem assistido à missa.

O fazendeiro confessou que, na verdade, nem ele nem a patroa tinham o costume de ir à missa.

— Mas não são protestantes, não é? — perguntou o reverendo, de garfo no ar.

— Não, protestantes, não...

— Então, são católicos? Foram batizados?

— É claro, somos católicos, mas...

E o padre, depois de engolir a comida:

— Bem, então está bem...

A verdade é que simpatizaram com o padre, que não era muito exigente, e vinha todo primeiro domingo de cada mês rezar missa na capela da fazenda. E como a capelinha também serve de escola, o fazendeiro resolveu agradar ao padre e à professora, construindo uma sacristia: uma saleta, uma outra menor para a guarda de paramentos, e um pequeno «toilette». Homem de bom-gosto, fez a sacristia perfeitamente de acordo com a capela, usando até telhas antigas para dar harmonia ao conjunto. E lá dentro desenhou, na parede, uma «Anunciação» de gosto ingênuo.

Houve uma procissão no dia de inaugurar a sacristia. O casal não foi à missa, mas ficou na varanda da casa para ver a procissão. Quando ela ia passando em frente, o padre deixou um instante a formatura para vir dar dois dedos de prosa com os fazendeiros, e agradecer o benefício. Notou, então que o fazendeiro estava com o braço direito na tipóia e perguntou o que acontecera. Explicou: um acidente de automóvel, no Rio. E o reverendo:

— Estão vendo? O braço direito, o mesmo que desenhou Nossa Senhora! Mas não fiquem tristes, meus filhos. Esses sofrimentos, essas provas, Deus as reserva para os eleitos, para os amigos!

E mais baixo:

— Dizem que é por isso que Ele tem tão poucos amigos...

RN

DN 4.11.59

M 684

DN 15-8-67

FLU, set. 80